

Os Angolanos destacam a corrupção e o uso excessivo da força pela polícia

Afrobarometer Edição No. 641 | Carlos Pacatolo, David Boio e Victorino Roque

Sumário

Entre Março e Setembro de 2020, os grupos de direitos humanos documentaram 10 assassinatos cometidos pela polícia e militares em Angola, incluindo a morte de cinco meninos de 14 a 16 anos (Amnistia Internacional, 2020). Embora as acusações de brutalidade policial não sejam novas em Angola, os críticos compilaram dezenas de casos recentes de uso de força excessiva, de prisão arbitrária e de execução extrajudicial pela polícia, muitas vezes como parte da repressão de manifestações públicas relacionadas às restrições do COVID-19, as condições de vida precárias e aos direitos políticos (Human Rights Watch, 2020; Amnistia Internacional, 2022; Marques de Marais, 2018).

O ministro do Interior, Eugênio César Laborinho, colocou lenha na fogueira quando apareceu para justificar os abusos policiais ao dizer em conferência de imprensa que “a polícia não está nas ruas para distribuir rebuçados, nem para dar chocolates” (DW, 2020).

Este dispatch reporta um módulo especial de pesquisa incluído no inquérito da 9ª Ronda do Afrobarometer (2021/2023) para explorar as experiências e as avaliações dos Africanos sobre o profissionalismo da polícia.

Os resultados em Angola mostram que a maioria dos cidadãos sente insegurança e medo ao seu redor e diz que o governo precisa fazer um trabalho melhor para reduzir o crime. Entre os Angolanos que interagiram com a polícia no ano anterior, muitos relatam o pagamento de suborno para conseguir ajuda ou para evitar problemas. Poucos expressam confiança na polícia, que é vista como a mais corrupta das instituições importantes do Estado.

A maioria dos Angolanos acreditam que a polícia detém os motoristas sem um bom motivo e usa força excessiva para dispersar as manifestações pacíficas e lidar com suspeitos de crimes, e muitos dizem que a polícia se envolve em atividades criminosas.

Pesquisas do Afrobarometer

Afrobarometer é uma rede de pesquisa pan-africana e apartidária, que fornece dados confiáveis sobre experiências africanas e avaliações de democracia, governança e qualidade de vida. Oito rondas de pesquisas foram concluídas em 39 países desde 1999. As pesquisas da Ronda 9 (2021/2023) estão em fase de conclusão em 2023. O Afrobarometer realiza entrevistas face-a-face na língua da escolha do entrevistado, com uma amostra nacional representativa.

A equipa do Afrobarometer em Angola, liderada pela Ovlongwa – Estudos de Opinião Pública, entrevistou 1.200 Angolanos adultos entre 9 de Fevereiro e 8 de Março de 2022. Uma amostra deste tamanho produz resultados nacionais com uma margem de erro de +/- 3 pontos percentuais e um nível de confiança de 95%. A pesquisa anterior em Angola foi realizada em 2019.

Principais conclusões

- Mais de seis em cada 10 Angolanos (63%) dizem que se sentiram inseguros a andar no seu bairro pelo menos uma vez durante o ano anterior, enquanto 54% dizem que temeram o crime em casa pelo menos uma vez.
 - A insegurança e o medo são experiências mais comuns nas cidades do que nas áreas rurais.
- Entre os cidadãos que procuraram assistência policial no ano anterior, 41% afirmam terem pago suborno ("gasosa" ou "sentimentos"). E 37% daqueles que encontraram a polícia em outros locais dizem que pagaram suborno para evitar problemas.
- Quase metade (45%) dos Angolanos dizem que "a maioria" ou "todos" os polícias são corruptos, a pior classificação entre as 12 instituições e grupos de dirigentes sobre os quais a pesquisa incidiu. As percepções de corrupção generalizada na polícia aumentaram 6 pontos percentuais em relação a 2019.
- Dois terços (66%) dos Angolanos dizem que a polícia "muitas vezes" ou "sempre" pára os condutores sem um bom motivo, e a maioria dizem que a polícia usa força excessiva durante as manifestações (57%) e com suspeitos de crimes (55%). Quase quatro em cada 10 (38%) dizem que a polícia frequentemente se envolve em atividades criminosas.
- Menos de dois em cada 10 Angolanos (18%) dizem que a polícia "frequentemente" ou "sempre" age de forma profissional e respeita os direitos de todos os cidadãos, enquanto notáveis 60% dizem que "raramente" ou "nunca" o fazem.
- A maioria (59%) dos cidadãos considera provável que a polícia leve a sério as denúncias de violência de género.
- Mais de dois terços (68%) dos Angolanos descrevem o desempenho do governo na redução da criminalidade como "bastante mau" ou "muito mau."

Sentimento de insegurança

O papel mais básico da polícia é proteger as pessoas e as suas propriedades. Os Angolanos sentem-se protegidos?

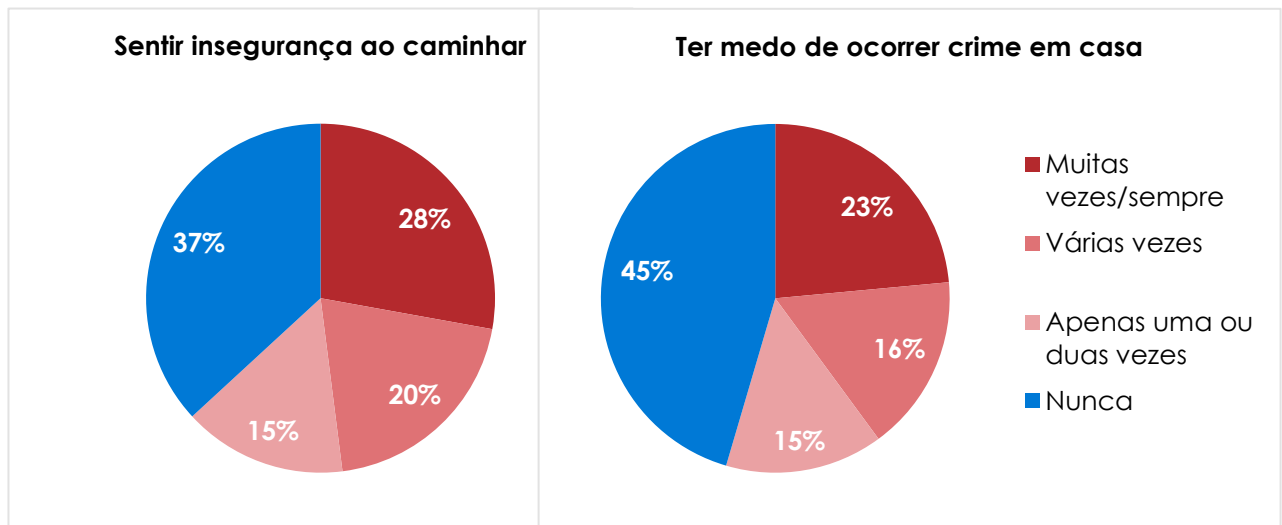
Quase dois terços (63%) dos cidadãos dizem que se sentiram inseguros ao caminhar em seu bairro pelo menos uma vez no ano anterior, incluindo 48% que dizem que isso aconteceu "várias vezes," "muitas vezes" ou "sempre" (Figura 1).

Mais da metade (54%) dizem que temeu o crime em sua casa pelo menos uma vez, incluindo 40% que dizem que isso ocorreu pelo menos "várias vezes."¹

A proporção de Angolanos que relatam se sentir inseguros no seu bairro pelo menos "várias vezes" aumentou 5 pontos percentuais entre 2019 e 2022, enquanto a parcela que relata múltiplas experiências de medo do crime aumentou marginalmente 3 pontos (a margem de erro da pesquisa) (Figura 2).

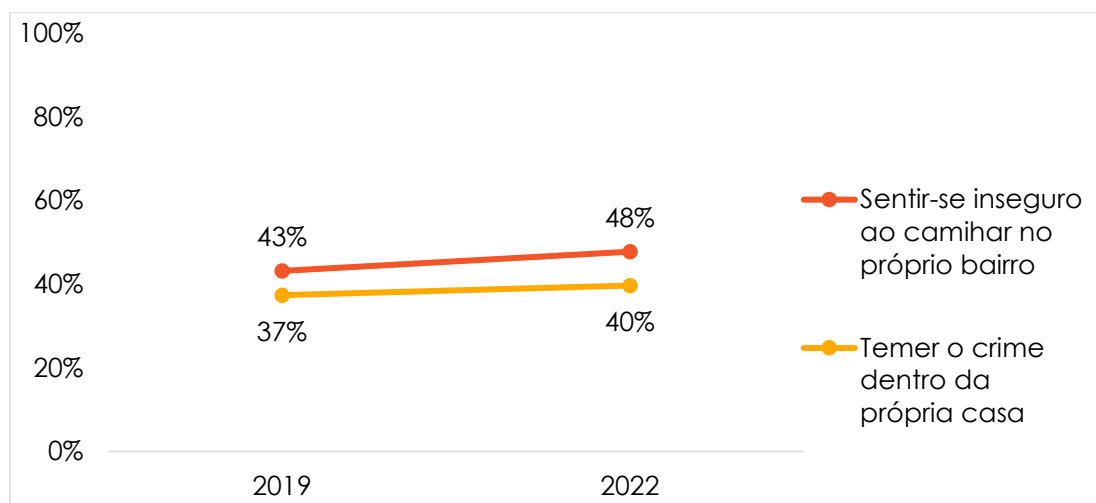
¹ Devido aos arredondamentos, as percentagens das categorias combinadas relatadas no texto podem diferir ligeiramente da soma das subcategorias mostradas nas figuras.

Figura 1: Insegurança e medo do crime | Angola | 2022



Perguntas aos respondentes: Durante o ano passado, com que frequência, se alguma, você ou alguém da sua família: sentiu-se inseguro ao caminhar no seu bairro e arredores? Temeu ser vítima de crime dentro da sua casa?

Figura 2: Experimentar a insegurança e temer o crime pelo menos 'várias vezes' | Angola | 2019-2022

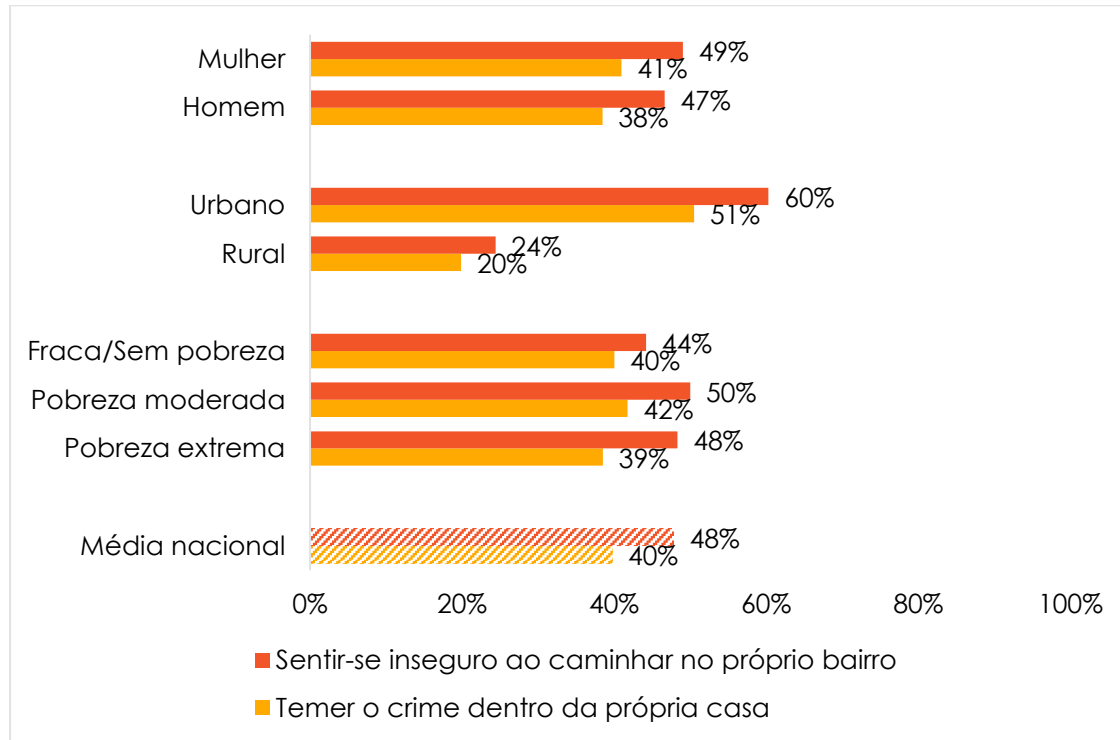


Perguntas aos respondentes: Durante o ano passado, com que frequência, se alguma, você ou alguém da sua família: sentiu-se inseguro ao caminhar no seu bairro e arredores? Temeu ser vítima de crime dentro da sua casa? (% que disse "várias vezes," "muitas vezes" ou "sempre")

Embora os homens e as mulheres relatem níveis semelhantes de insegurança e de medo, essas experiências são muito mais comuns nas cidades do que nas áreas rurais (Figura 3). Seis em cada 10 residentes urbanos (60%) dizem que se sentiram inseguros no seu bairro pelo menos "várias vezes" durante o ano anterior, em comparação com 24% dos residentes rurais. E enquanto 51% dos entrevistados nas cidades dizem que temem o crime pelo menos "várias vezes," apenas 20% dos moradores rurais dizem o mesmo.

Os cidadãos economicamente melhores têm uma probabilidade ligeiramente menor de relatar que se sentem inseguros, mas as diferenças por nível de pobreza vivida são pequenas.²

Figura 3: Experimentar a insegurança e temer o crime pelo menos 'várias vezes'
 | por género, residência e nível de pobreza | Angola | 2022



Perguntas aos respondentes: Durante o ano passado, com que frequência, se alguma, você ou alguém da sua família: sentiu-se inseguro ao caminhar no seu bairro e arredores? Temeu ser vítima de crime dentro da sua casa? (% que disse "várias vezes," "muitas vezes" ou "sempre")

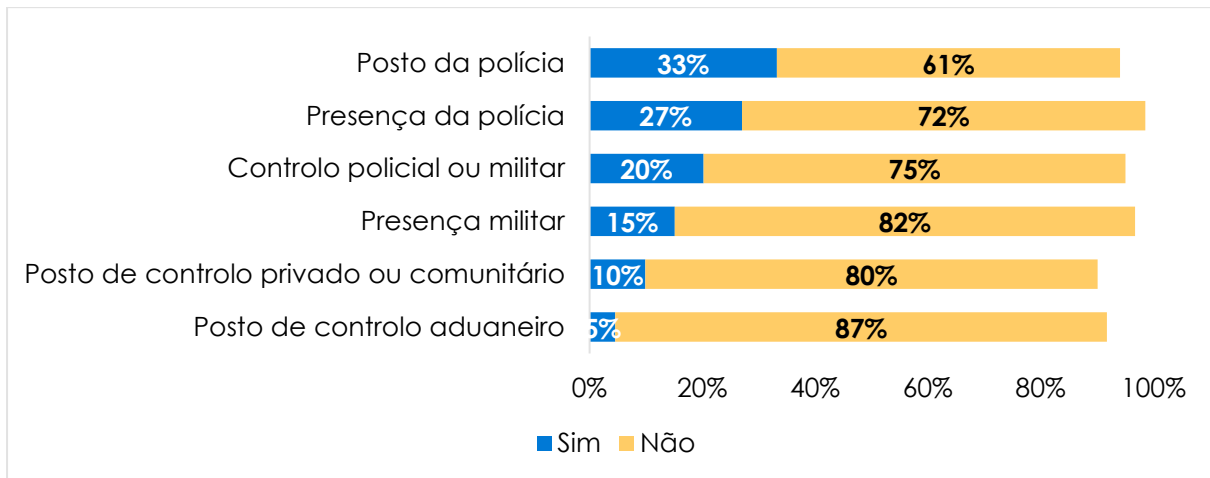
Presença da polícia ou forças de segurança

Um factor que pode afectar a sensação de segurança das pessoas é a presença de forças de segurança. Como parte do seu processo de recolha de dados, as equipas de campo do Afrobarometer fazem observações no terreno em cada secção censitária (SC) que visitam sobre os serviços e instalações disponíveis na área. Como as secções censitárias visitadas são seleccionadas para representar a população do país como um todo, esses dados fornecem indicadores confiáveis de infraestrutura e disponibilidade de serviços.

Em Angola, as equipas de campo do Afrobarometer encontraram esquadras de polícia em cerca de um terço (33%) das secções censitárias que visitaram (Figura 4). Eles viram polícias ou veículos da polícia em 27% e postos de controlo da polícia ou militares em 20% das secções censitárias. Outros sinais de actividade relacionada à segurança foram menos comuns, incluindo soldados ou veículos militares (15%), postos de controlo de estradas por segurança privada ou pela comunidade local (10%) e postos de controlo alfandegário (5%).

² O Índice de Pobreza Vivida (LPI) do Afrobarometer mede os níveis de privação material dos entrevistados, perguntando com que frequência eles ou suas famílias ficaram sem necessidades básicas (comida suficiente, água suficiente, assistência médica, combustível suficiente para cozinhar e renda em dinheiro) durante o ano anterior. Para saber mais sobre a pobreza vivida, consulte Mattes & Patel (2022).

Figura 4: Presença da polícia ou forças de segurança | Angola | 2022



Perguntas aos entrevistadores:

*Na secção censitária estão presentes os seguintes serviços: Posto policial?
 Na secção censitária, você ou um seu colega viu: um agente ou um carro da polícia? Um militar ou um carro militar? Um posto de controlo da polícia ou polícia militar? Posto de controlo aduaneiro? Um posto de controlo privado ou comunitário?*

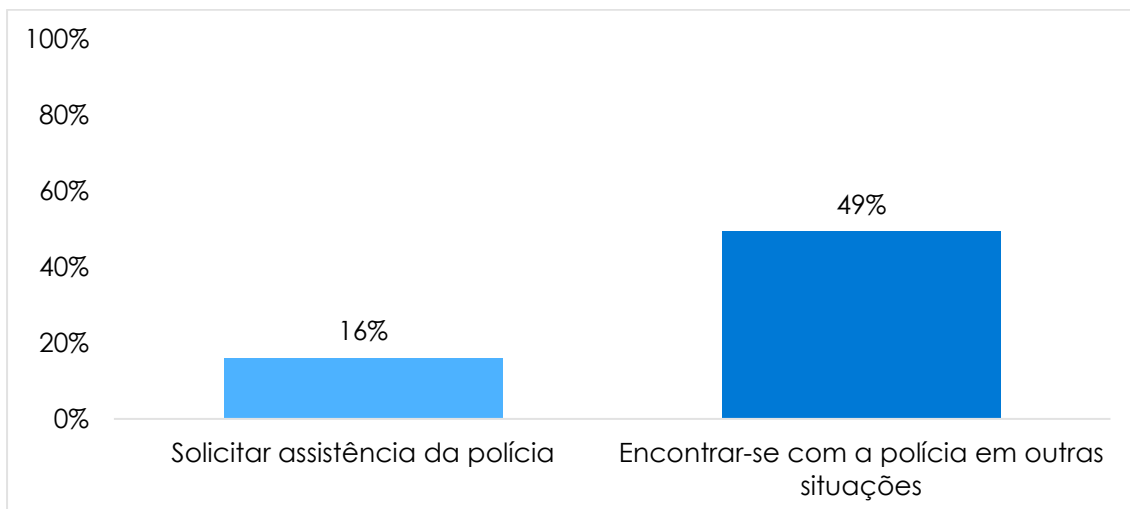
Encontro com a polícia

Com que frequência os Angolanos encontram a polícia no seu dia-a-dia?

De acordo com os inquiridos, apenas 16% solicitaram assistência da polícia durante os 12 meses anteriores, talvez refletindo a escassez de postos policiais e a baixa confiança dos cidadãos na polícia (Figura 5).

Cerca de metade (49%) dizem que encontraram a polícia em outras situações, como em postos de controlo, durante as verificações de identidade ou paragens de trânsito ou durante uma investigação.

Figura 5: Contacto com a polícia | Angola | 2022

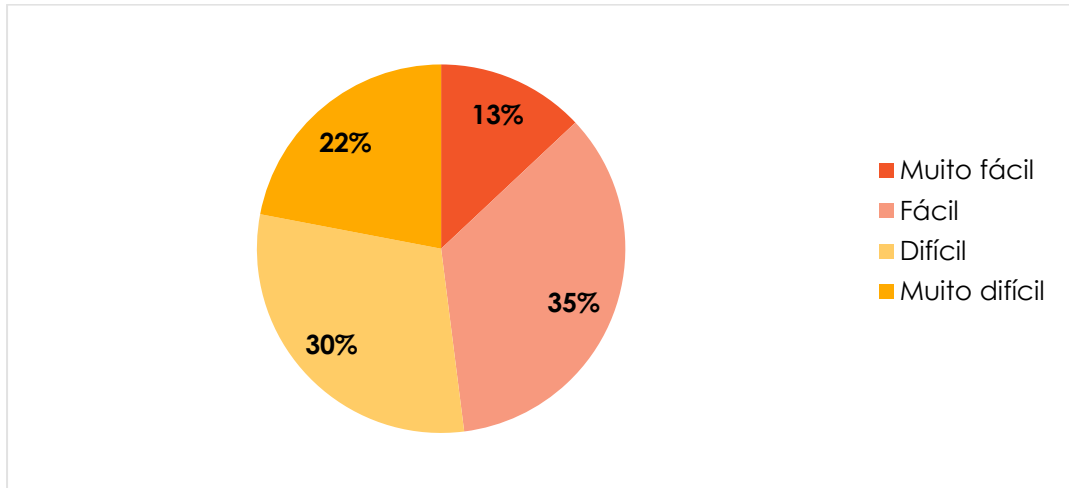


Perguntas aos respondentes:

*Nos últimos 12 meses, você solicitou assistência da polícia?
 Nos últimos 12 meses, com que frequência você se encontrou com a polícia, em outras situações, por exemplo, controlo policial, controlo do trânsito ou durante uma investigação?*

Entre os cidadãos que pediram ajuda à polícia, a maioria (52%) dizem ter sido “difícil” (30%) ou “muito difícil” (22%) obter a assistência de que necessitava (Figura 6).

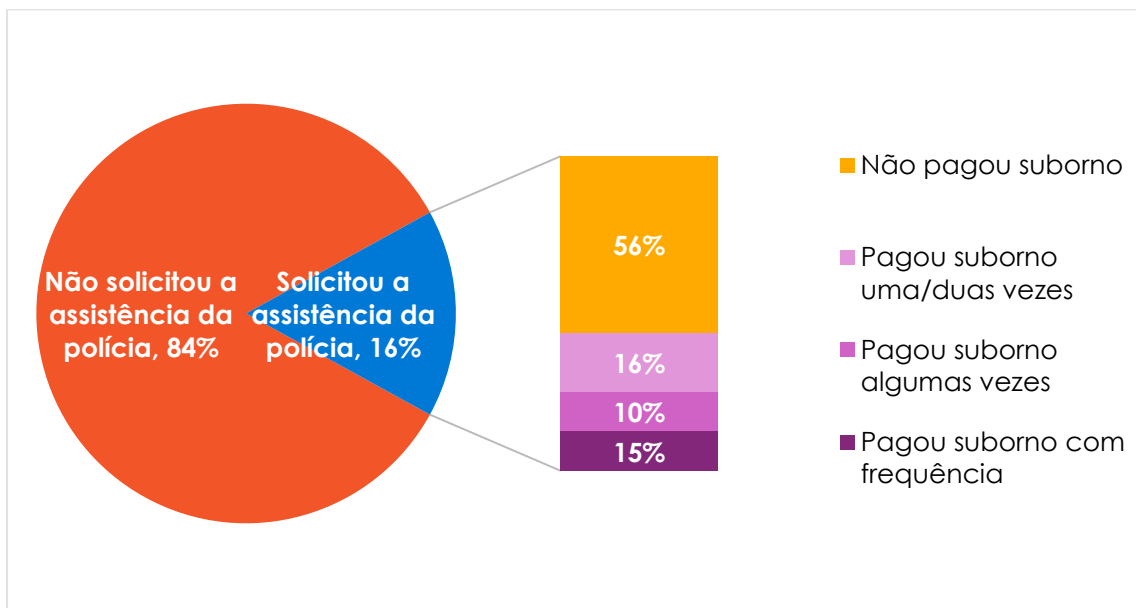
Figura 6: Facilidade na obtenção da assistência da polícia | Angola | 2022



Os respondentes que solicitaram assistência da polícia, no ano anterior, foram questionados: *Quão fácil ou difícil foi conseguir a assistência que necessitou? (Os respondentes que não solicitaram a assistência da polícia estão excluídos.)*

Entre os que pediram ajuda à polícia, 41% dizem que tiveram que pagar suborno, dar um presente ou fazer um favor – conhecidos colectivamente como oferecer uma “gasosa” ou dar um “sentimento” – à polícia, incluindo 10% que o fizeram “algumas vezes” e 15% que o faziam “frequentemente” (Figura 7).

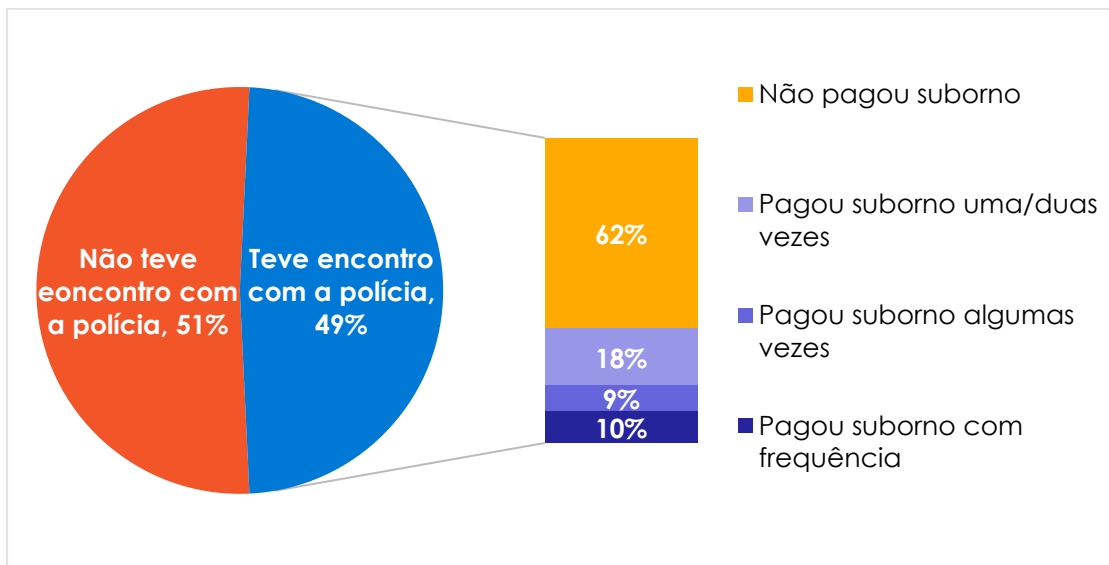
Figura 7: Pagar suborno para obter assistência da polícia | Angola | 2022



Perguntas aos respondentes: *Nos últimos 12 meses, você solicitou a assistência da polícia? [Se “sim”:] Com que frequência, se alguma vez, você precisou dar uma “gasosa” ou um “sentimento” ou prestar favor a um polícia para obter dele a assistência que você necessitava?*

Entre aqueles que se depararam com a polícia em situações como postos de controlo, durante verificações de identificação ou paragens de trânsito, ou durante uma investigação, 37% dizem que tiveram que pagar suborno, dar um presente ou fazer um favor para evitar problemas com a polícia, incluindo 9% que o fizeram “algumas vezes” e 10% que tiveram que pagar “frequentemente” (Figura 8).

Figure 8: Pagar suborno para evitar problemas com a polícia | Angola | 2022



Perguntas aos respondentes: Nos últimos 12 meses, com que frequência você se encontrou com a polícia, em outras situações, por exemplo, controlo policial, controlo do trânsito ou durante uma investigação? [Se pelo menos uma vez:] Com que frequência, se alguma vez, você precisou dar uma “gasosa” ou um “sentimento” ou prestar favor a um polícia para obter dele a assistência que você necessitava?

Para resumir a experiência entre todos os adultos Angolanos durante o ano passado, cerca de um em cada cinco (21%) pagou suborno pelo menos uma vez para obter assistência da polícia, para evitar problemas com a polícia ou ambos.

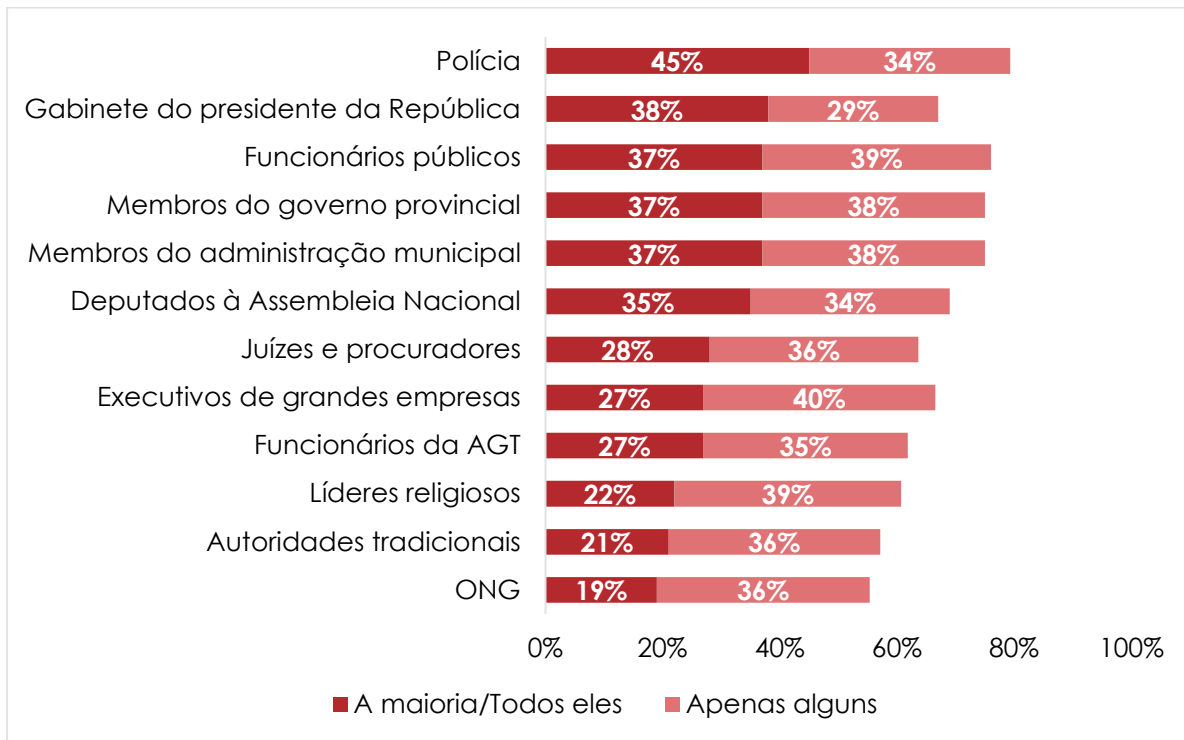
Corrupção na polícia

Quase metade (45%) dos Angolanos dizem que “a maioria” ou “todos” os polícias são corruptos, a pior classificação entre as 12 instituições e grupos de líderes sobre os quais a pesquisa perguntou (Figura 9). Outros 34% dizem que “alguns” polícias estão envolvidos em corrupção, deixando apenas 9% que acham que nenhum deles é corrupto (juntamente com 12% que “não sabem” ou se recusaram a responder à pergunta).

A percepção da generalização da corrupção entre os agentes da polícia nacional aumentou 6 pontos percentuais entre 2019 e 2022, passando de 39% para 45% (Figura 10). Um aumento ainda maior na percepção da generalização da corrupção tem lugar na Presidência da República, de 22% em 2019 para 38% em 2022.

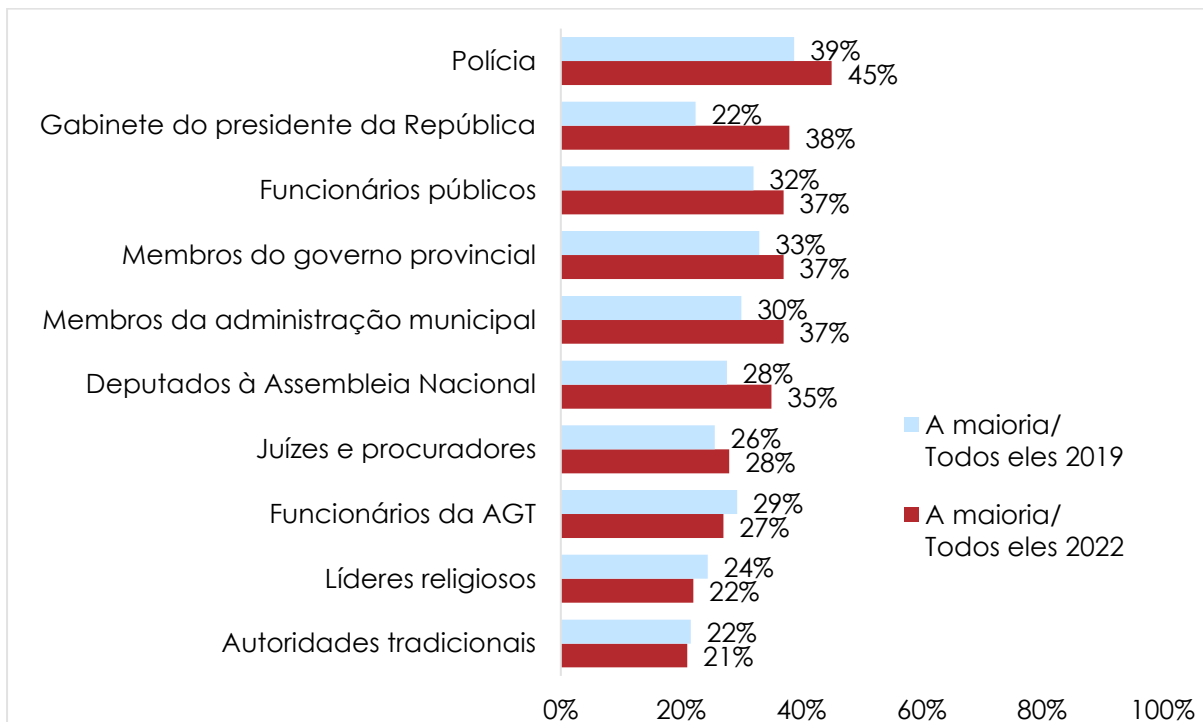
Os residentes urbanos são consideravelmente mais propensos do que os residentes rurais a ver “a maioria/todos” os polícias como corruptos (51% contra 34%) (Figura 11). Assim são, também, os cidadãos com ensino secundário (50%) ou universitário (53%) face aos com menor escolaridade (36%).

Figura 9: Percepção da corrupção entre as instituições e os líderes | Angola | 2022



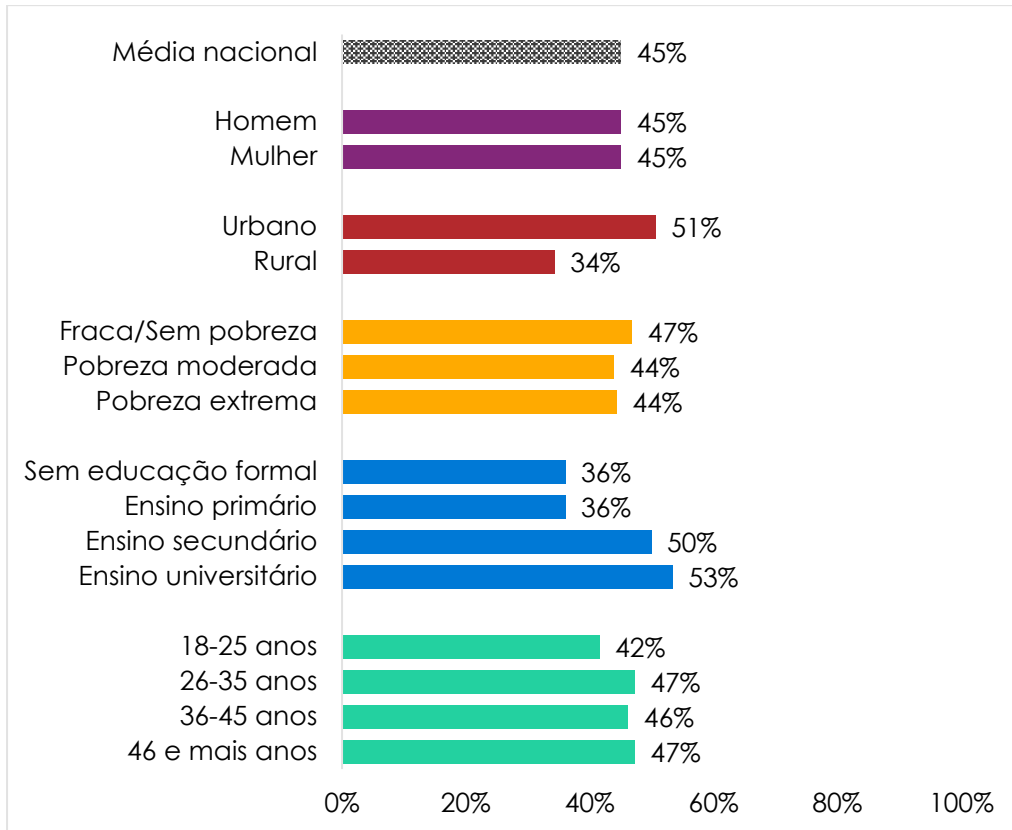
Perguntas aos respondentes: Quantas das seguintes Instituições ou líderes você pensa que estão envolvidas em casos de corrupção, ou você não ouviu falar o suficiente para ter uma opinião?

Figura 10: Percepção da variação da corrupção entre as instituições e os líderes | Angola | 2019-2022



Perguntas aos respondentes: Quantas das seguintes Instituições ou líderes você pensa que estão envolvidas em casos de corrupção, ou você não ouviu falar o suficiente para ter uma opinião?

Figura 11: Percepção de que a maioria/todos polícias são corruptos | por grupo socio-demográfico | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: *Quantas das seguintes Instituições ou líderes você pensa que estão envolvidas em casos de corrupção, ou você não ouviu falar o suficiente para ter uma opinião: A polícia? (% que disse "a maioria deles" ou "todos eles")*

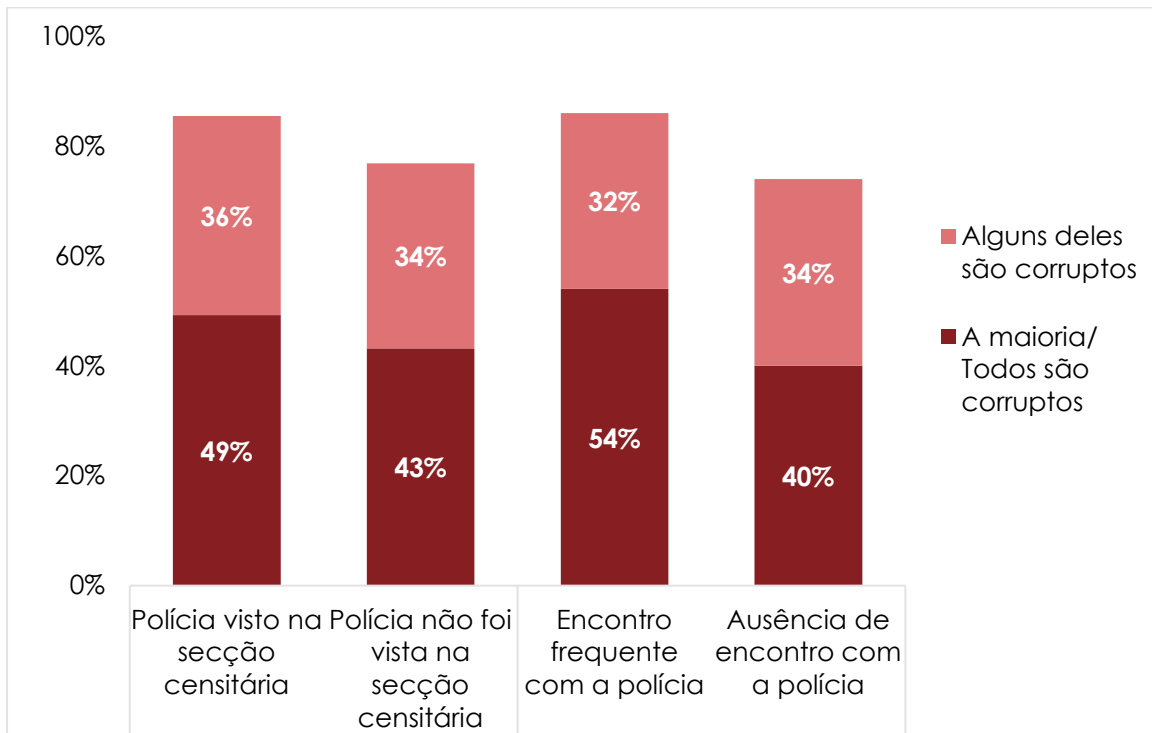
Os resultados também sugerem possíveis vínculos entre as percepções de corrupção policial e a interação com a polícia (Figura 12).

Faça sua própria análise dos dados da Afrobarometer
 – sobre qualquer questão, para qualquer país e rodada de inquérito. É fácil e gratuito em www.afrobarometer.org/online-data-analysis.

Os cidadãos que moram nas secções censitárias onde as equipes de campo viram polícias são ligeiramente mais propensos a dizer que a maioria/todos os polícias são corruptos do que os seus colegas das secções censitárias onde não foi observada a presença da polícia (49% vs. 43%).

E os cidadãos que "frequentemente" encontraram a polícia em situações involuntárias, como postos de controlo ou paragens de trânsito, são significativamente mais propensos a ver a maioria/todos os polícias como corruptos do que aqueles que não tiveram tais encontros com a polícia (54% contra 40%).

Figura 12: Percepção da corrupção na polícia | pela presença da polícia e frequência de interação com a polícia | Angola | 2022



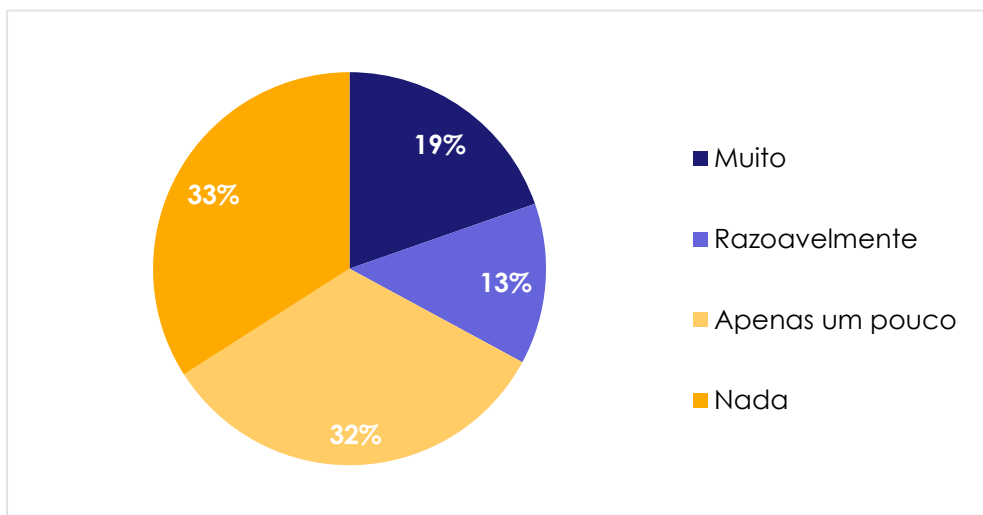
Pergunta aos entrevistadores: Na secção censitária, você ou um seu colega viu: Um agente ou um carro da polícia?

Pergunta aos respondentes: Quantas das seguintes instituições ou líderes você pensa que estão envolvidas em casos de corrupção, ou você não ouviu falar o suficiente para ter uma opinião: A polícia?

Confiança na polícia

Apenas cerca de um em cada três Angolanos (32%) dizem confiar na polícia "razoavelmente" (13%), ou "muito" (19%). Uma proporção semelhante (33%) expressam não confiar na polícia, enquanto 32% expressam confiar "apenas um pouco" (Figura 13).

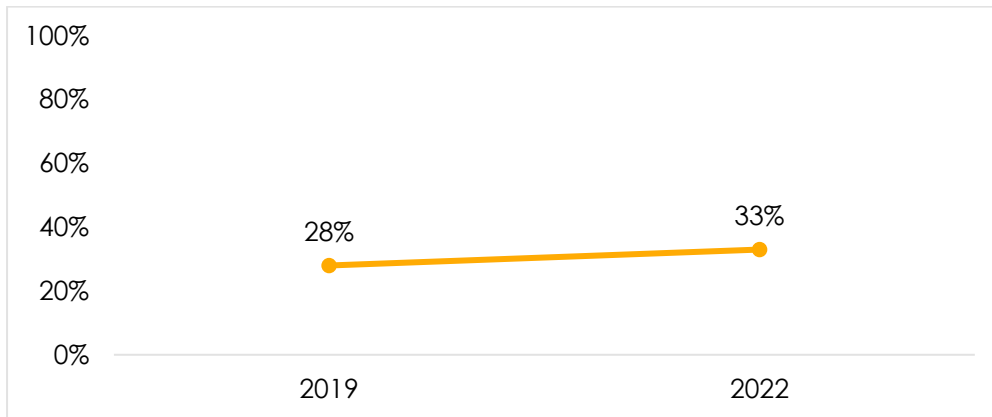
Figura 13: Confiança na polícia | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Até que ponto você confia em cada uma das seguintes entidades, ou você ainda não ouviu falar o suficiente sobre elas para ter uma opinião: A polícia?

A percentagem de cidadãos que dizem não confiar "nada" na polícia aumentou 5 pontos percentuais face a 2019 (28%) (Figura 14).

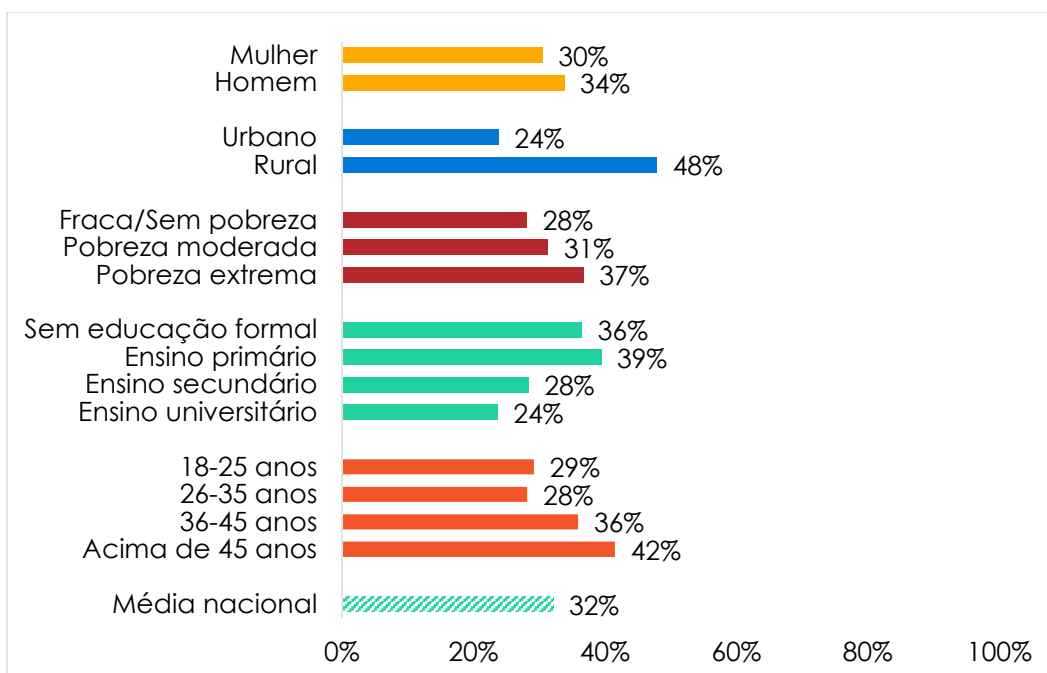
Figura 14: Não confia na polícia de todo | Angola | 2019-2022



Pergunta aos respondentes: Até que ponto você confia em cada uma das seguintes entidades, ou você ainda não ouviu falar o suficiente sobre elas para ter uma opinião: A polícia? (% que disse "nada")

Os residentes rurais são duas vezes mais propensos do que os urbanos a dizer que confiam na polícia "um pouco" ou "muito" (48% contra 24%) (Figura 15). A confiança também é maior entre os cidadãos com escolaridade primária ou inferior (36%-39%) do que entre aqueles com educação secundária (28%) ou universitária (24%). Os entrevistados mais velhos (42%) têm maior probabilidade de expressar confiança na polícia do que os entrevistados mais jovens (28%-36%).

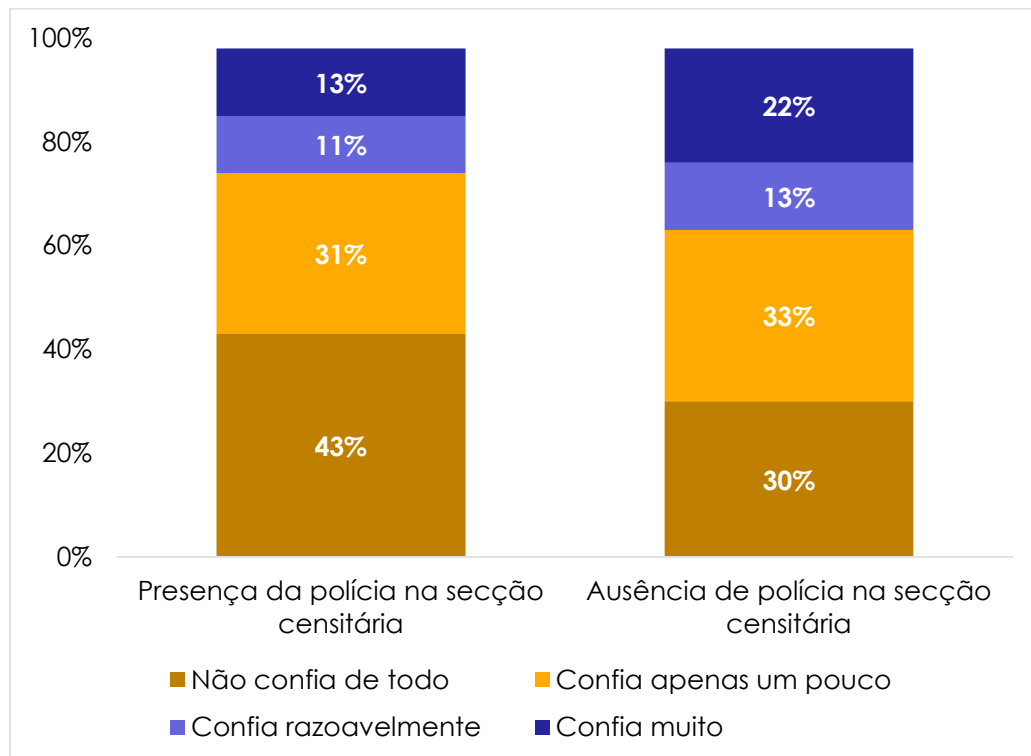
Figura 15: Confiança na polícia | por grupo socio-demográfico | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Até que ponto você confia em cada uma das seguintes entidades, ou você ainda não ouviu falar o suficiente sobre elas para ter uma opinião: a polícia? (% que disse que confia "razoavelmente" ou "muito")

Ter uma presença policial visível não parece aumentar a confiança na polícia. A total falta de confiança na polícia é mais generalizada entre os cidadãos que residem em secções censitárias onde as equipas de campo do Afrobarometer observaram agentes ou viaturas policiais (43%) do que entre aqueles em secções censitárias onde não foi observada presença policial (30%) (Figura 16).

Figura 16: Confiança e presença da polícia na secção censitária | Angola | 2022



Pergunta aos entrevistadores: Na secção censitária, você ou um seu colega viu: Um agente ou um carro da polícia?

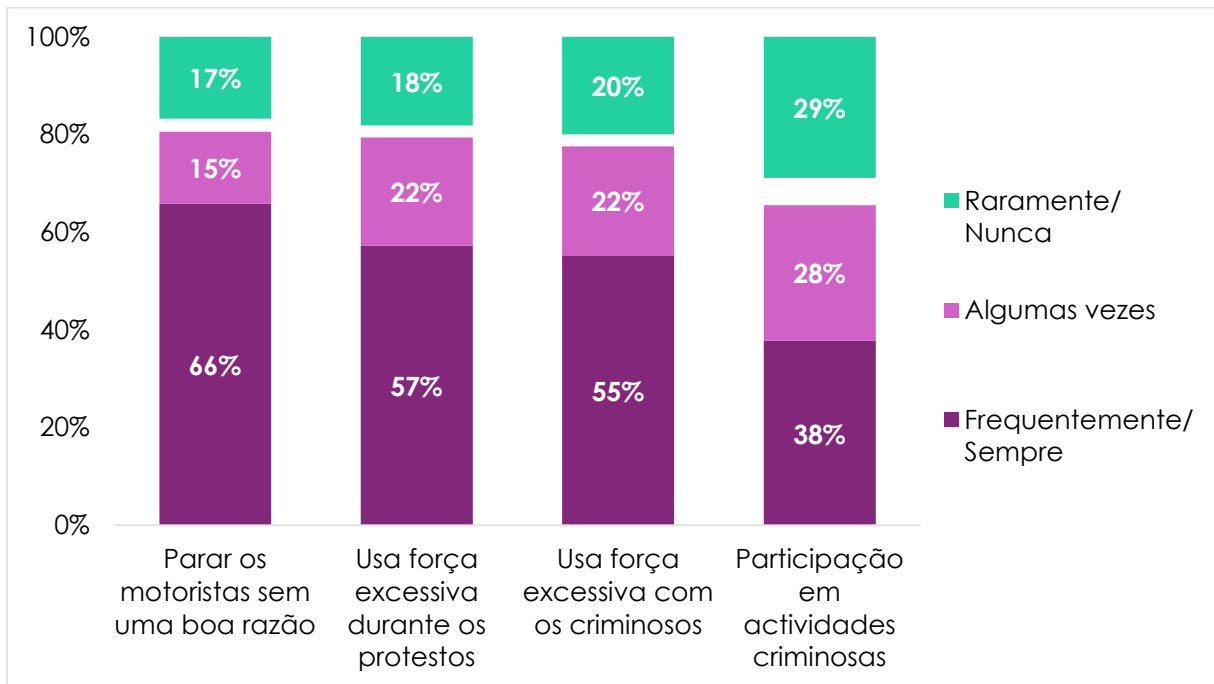
Pergunta aos respondentes: Até que ponto você confia em cada uma das seguintes entidades, ou você ainda não ouviu falar o suficiente sobre elas para ter uma opinião: A polícia?

Conduta da polícia

Além da generalização da falta de confiança na polícia e da percepção do seu envolvimento em casos de corrupção, muitos Angolanos dizem que pelo menos alguns polícias se envolvem em atividades impróprias e até ilegais (Figura 17). Dois terços (66%) dos entrevistados dizem que a polícia “frequentemente” ou “sempre” manda parar os motoristas sem um bom motivo. A maioria também acredita que a polícia usa força excessiva, frequentemente, para dispersar ou impedir manifestações pacíficas (57%) e para lidar com suspeitos de crimes (55%).

No geral, apenas cerca de um em cada cinco cidadãos (18%) dizem que a polícia “frequentemente” ou “sempre” opera de maneira profissional e respeita todos os direitos dos cidadãos; 60% afirmam que tal comportamento é raro ou inédito (Figura 18).

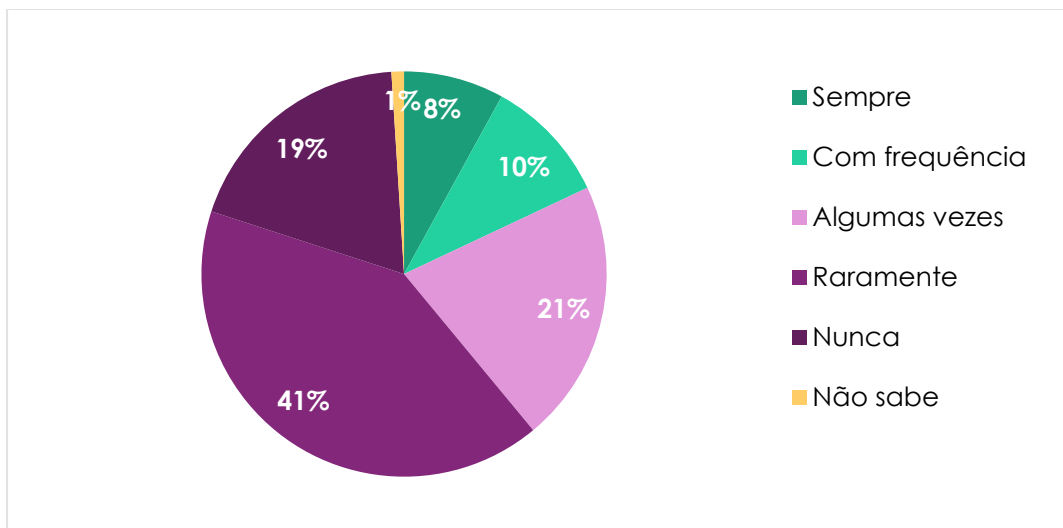
Figura 17: Conduta imprópria da polícia | Angola | 2022



Perguntas aos respondentes: Na sua opinião, com que frequência a polícia em Angola:

- Para motoristas sem uma boa razão?
- Usa força excessiva na gestão de protestos ou manifestações?
- Usa força excessiva na relação com os criminosos?
- Participação em actividades criminosas?

Figura 18: A polícia actua de forma profissional e respeita os direitos dos cidadãos? | Angola | 2022



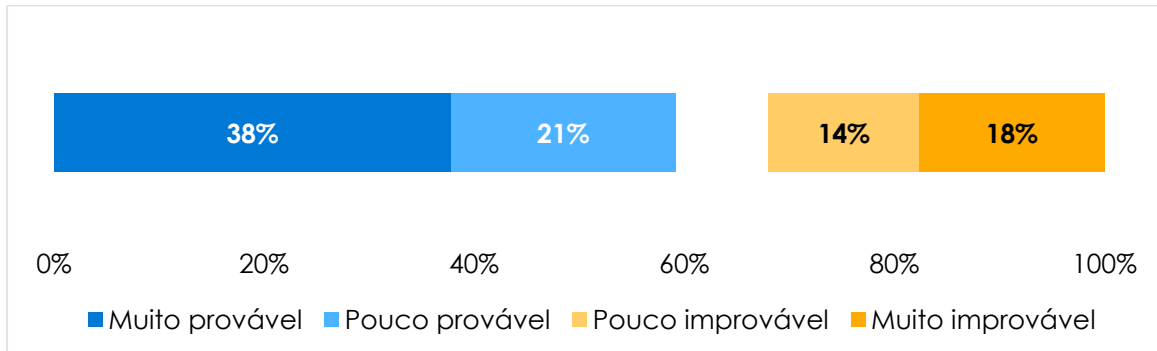
Pergunta aos respondentes: Na sua opinião, com que frequência a polícia em Angola actua de forma profissional e respeita os direitos dos cidadãos?

Uma área em que os Angolanos dão nota satisfatória à sua polícia é o tratamento de casos de violência baseada no género (VBG) como ofensas graves. A maioria (59%) dizem que é "muito provável" (38%) ou "um tanto provável" (21%) que a polícia leve a sério as queixas

de uma mulher sobre violência de género, embora cerca de um terço considerem isso “um tanto improvável” (14%) ou “muito improvável” (18%) (Figura 19).

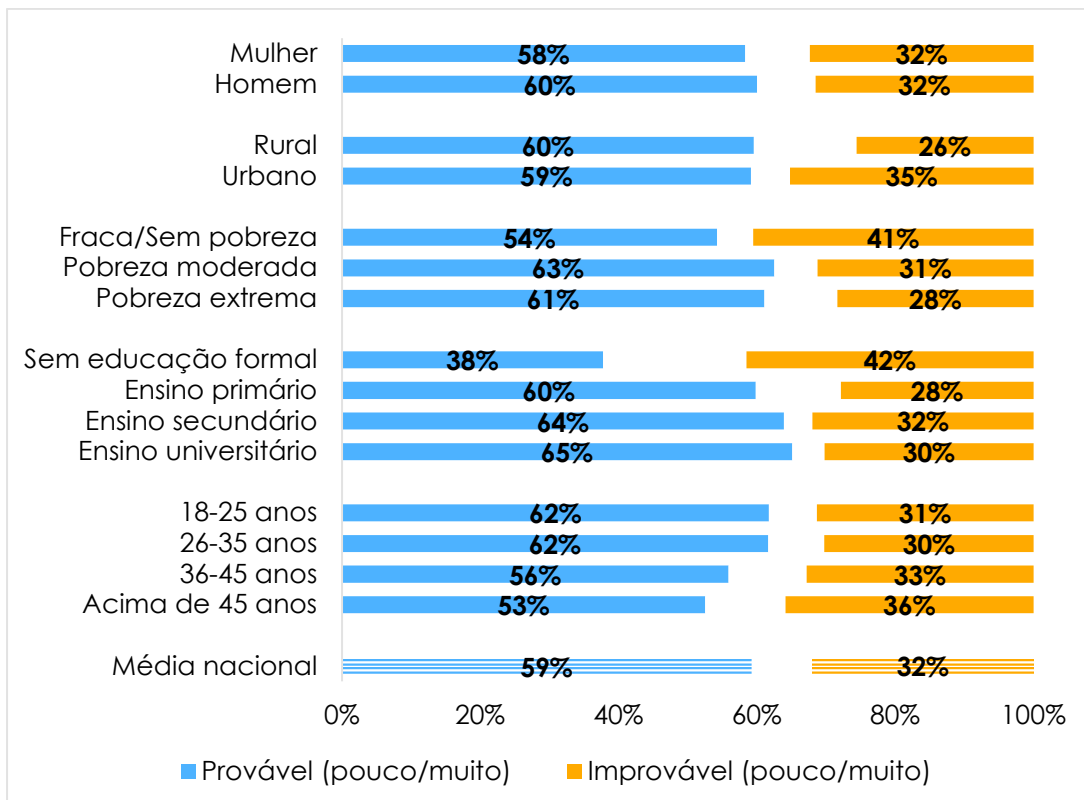
A expectativa de uma resposta policial séria à VBG é um pouco mais comum entre cidadãos com educação secundária ou universitária (64%-65%), aqueles que vivem em situação de pobreza extrema ou moderada (61%-63%) e entrevistados mais jovens (62 % dos 18-35 anos) do que entre os seus respectivos homólogos (Figura 20).

Figura 19: A polícia leva a sério a violência baseada no género? | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Se uma mulher na sua comunidade for a polícia denunciar que ela foi vítima de violência baseada no género, por exemplo, denunciar um estupro ou violência física perpetrada pelo esposo, qual a probabilidade de as seguintes coisas ocorrerem?

Figure 20: A polícia leva a sério a violência baseada no género? | por grupo socio-demográfico | Angola | 2022

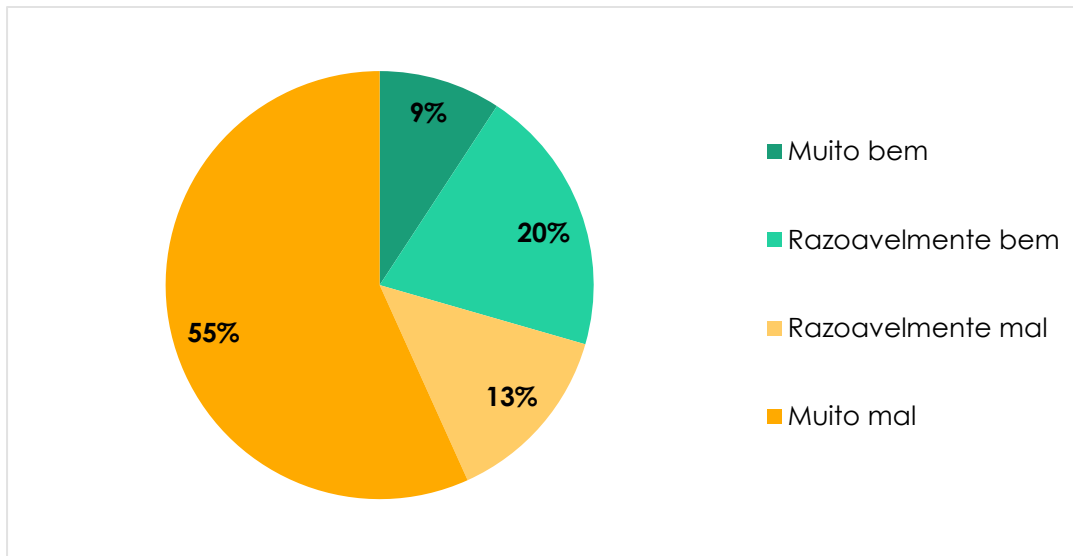


Pergunta aos respondentes: Se uma mulher na sua comunidade for a polícia denunciar que ela foi vítima de violência baseada no género, por exemplo, denunciar um estupro ou violência física perpetrada pelo esposo, qual a probabilidade de as seguintes coisas ocorrerem?

Desempenho do governo na redução do crime

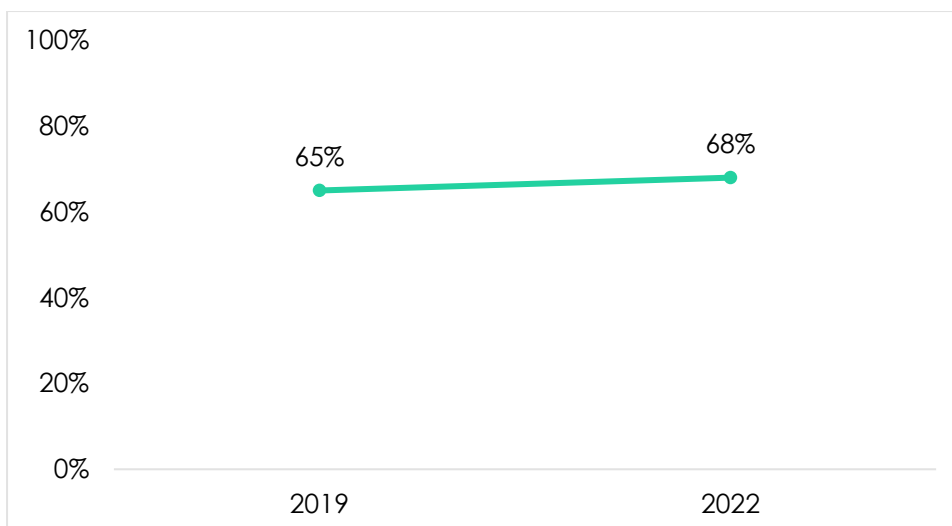
No geral, os Angolanos são bastante críticos em relação ao desempenho do seu governo na redução do crime. Mais de dois terços (68%) dizem que está a fazer um mau trabalho, incluindo 55% que descrevem o seu desempenho como “muito mau” (Figura 21). A desaprovação dos esforços de redução da criminalidade do governo aumentou marginalmente desde 2019 (65%) (Figura 22).

Figure 21: Desempenho do governo na redução do crime | Angola | 2022



Pergunta aos respondentes: Até que ponto você acha que o actual governo está a lidar bem ou mal com as seguintes matérias, ou você não ouviu o suficiente para ter uma opinião: Redução do crime?

Figure 22: Bom desempenho do governo na redução do crime | Angola | 2019-2022



Pergunta aos respondentes: Até que ponto você acha que o actual governo está a lidar bem ou mal com as seguintes matérias, ou você não ouviu o suficiente para ter uma opinião: Redução do crime? (% que disse “razoavelmente bem” ou “muito bem”)

Conclusão

Os resultados da pesquisa mostram que os Angolanos veem a polícia nacional como uma das instituições públicas mais corruptas do país e pensam que muitos dos seus oficiais são propensos a usar força excessiva e outros abusos. Poucos confiam na polícia e menos ainda acham que ela opera de maneira profissional e respeita os direitos dos cidadãos.

Essas percepções públicas destacam os principais desafios que o governo enfrenta na construção de uma força policial republicana, profissional e confiável, preparada para realizar com zelo e abnegação as tarefas que lhes são confiadas.

Referências

- Amnistia Internacional. (2020). 'The police are not on the ground to distribute sweets.'
- Amnistia Internacional. (2022). Angola: Unlawful killings, arbitrary arrests and hunger set election tone. 16 Agosto.
- DW. (2020). Angola: 'Polícia não está para distribuir chocolates.' 3 Abril.
- Human Rights Watch. (2020). Angola: Police fire on peaceful protesters. 12 Novembro.
- Mattes, R., & Patel, J. (2022). Lived poverty resurgent. Documento de Política No. 84 do Afrobarometer.
- Marques de Marais, R. (2018). Angola's killing fields: A report on extrajudicial executions in Luanda, 2016-2017.

Carlos Pacatolo é politólogo, investigador principal da Ovilongwa – Estudos de Opinião Pública, parceira nacional do Afrobarometer em Angola, e investigador do CESP Jean Piaget de Benguela. Email: pacatolo@yahoo.com.br.

David Boio é sociólogo, co-investigador principal da Ovilongwa – Estudos de Opinião Pública e investigador do Centro Sol Nascente do Huambo. Email: davidboio@gmail.com.

Victorino Roque é sociólogo e director executive da OKUVELEKA – organização da sociedade civil. Email: victorinoroque09@hotmail.com.

O Afrobarometer, uma entidade sem fins lucrativos com sede em Gana, é uma rede de pesquisa pan-africana e não-partidária. A coordenação regional de parceiros nacionais em cerca de 35 países é assegurada pelo Center for Democratic Development (CDD) no Gana, pelo Institute for Justice and Reconciliation (IJR) na África do Sul, e Institute for Development Studies (IDS) da Universidade de Nairobi, no Quênia. A Michigan State University (MSU) e a University of Cape Town prestam apoio técnico à rede.

O apoio financeiro para o Afrobarometer é fornecido pela Suécia (Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional; da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID); do Instituto da Paz dos Estados Unidos; das Fundações Mo Ibrahim, Open Society - Africa, Bill & Melinda Gates, William and Flora Hewlett, e Mastercard; da União Europeia; do National Endowment for Democracy; da Agência Japonesa para Cooperação Internacional; da Universidade de California San Diego; do Global Center for Pluralism; do Banco Mundial; da Embaixada do Reino dos Países Baixos em Uganda; e do GIZ.

As doações ajudam a Afrobarometer a dar voz aos cidadãos africanos. Por favor considere fazer uma contribuição (em www.afrobarometer.org) ou contactar Felix Biga (felixbiga@afrobarometer.org) ou Runyararo Munetsi (runyararo@afrobarometer.org) para discutir o financiamento institucional.

Para mais informações, visite www.afrobarometer.org.

Segue as nossas publicações em #VoicesAfrica.



Afrobarometer Edição No. 641 | 17 de Maio de 2023